

## **CANÇONETA.**

### **O Retrato.**

De amor por ordem  
A Marcia bela  
Em fina tela  
Vou retratar.

Vós que ao redor  
Lhe andais nas tranças  
Co'as auras mansas  
Rindo a brincar:

Subtis amores,  
Deixai-as ora:  
Ide da amora  
A cor buscar.

Pintar com ela  
Quero o cabelo,  
Que a vista ao vê-lo  
Faz enlear.

Os longos fios  
De quando em quando  
Vereis flutuando  
Prisões armar.

A lisa testa,  
Feliz assento  
Do pensamento,  
Vê-se alvejar.

Para ela a cor,  
Que a tem assim,  
Do mogorim  
Vinde-me dar.

Bem como estrelas,  
Que o Céu adornam,  
Ideias a ornam,  
Menos de amar.

Não vos esqueçam  
Purpúreas rosas  
Para as formosas  
Faces corar:

Faces aonde  
Tenta o desejo  
Tímido beijo  
Ir assaltar.

Mas vós de assombro  
Parais, amores?  
Ide os fulgores  
Ao sol roubar:

Ide, que eu quero  
Pintar-lhe os olhos,  
Que podem molhos  
De setas dar.

Ah! te parece,  
Que já se movem,

Que d'eles chovem  
Farpões ao ar!

A boca breve,  
Que é toda mel,  
Falta ao pincel,  
Com que imitar.

Desmaia o cravo,  
Morre o carmim,  
Onde o rubim  
Só tem lugar.

Trazei-me pois  
Os do Oriente  
Filhos do ardente  
Raio solar.

E logo um riso  
Dos lábios nasça  
Com tanta graça,  
Que obrigue a amar.

A voz mimosa,  
Ou cante ou fale,  
Aroma exale,  
Perfume o ar.

Dos alvos dentes  
De fino esmalte  
A luz ressalte,  
Que faz cegar.

Para imita-los,  
Como careço,  
Perolas peço  
De Manar.

De fino jaspe  
Branços pedaços  
Roliços braços  
Venham formar;

Braços tiranos,  
Que prisões negam,  
E se se entregam,  
É por zombar.

Porém que estranho  
Suave enleio!  
Quem é que o seio  
Pode pintar?

Quem sem convulsos  
Sentir efeitos  
Os níveos peitos  
Ousa encarar?

Numes dos Céus,  
Vós que os fizestes,  
Vinde-me prestes  
A mão guiar.

Já do marfim (1)  
Dos globos tomo;  
Vou-lhes do pomo

A forma dar.

Limões, que tremem  
N'um ramo imita  
Quando palpita  
O níveo par.

Da vista encanto,  
Prazer do tato,  
Nobre recato  
Sabe-os guardar.

Somente é dado  
Ao pensamento  
O atrevimento  
De os contemplar.

Vou pois.... mas Céus!  
Que mão cruel  
Ora o pincel  
Me vem tirar?

Tirano amor,  
Se era teu gosto  
Este composto  
Não acabar;

Não me incumbisses  
Empresa assim;  
Mas eu, teu fim  
Sei penetrar:

Sei que não queres,

Que acabe a obra.  
Porque o que sobra  
Pode matar:

    Mate-me embora,  
Mas deixa ao menos  
Os pés pequenos  
Delinear:

    Pés, a que leda (2)  
A flor mimosa  
Se dobra ansiosa  
Para os beijar.

VARIANTES.

(1)

    Da neve a alvura  
Para eles tomo  
Vou-lhes do pomo  
A forma dar.

(2)

    Pés, a que ledas  
Graças e amores  
Espalham flores  
E os vem beijar.

Francisco Vilela Barbosa, 1848.

Ode publicada no segundo tomo de "Parnaso brasileiro" de João Manuel Pereira da Silva.